



Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC/UBÁ
Graduação em Psicologia

POSSÍVEIS CAUSAS DO TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Possible causes of dissociative disorder: a reflection concerning psychoanalytic perspective

Thais da Silva Miranda¹; Ronaldo Chicre Araujo².

¹Discente do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos - FUPAC/Ubá.

²Psicólogo; Professor do curso de Psicologia da Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC/Ubá.

RESUMO

O Transtorno Dissociativo de Identidade é o desenvolvimento de diversas personalidades, com características e idades distintas. O objetivo desse trabalho é apresentar as possíveis causas, debatendo o tema partir da perspectiva psicanalítica. Sendo elas, os abusos psicológicos e sexuais sofridos pelo indivíduo de forma repetida durante a primeira infância. A Patologia é desenvolvidos como forma de mecanismo de defesa, para lidar com a situação traumática. Contudo, apresentam casos de amnésia dissociativa e despersonalização, gerando uma desconexão de si mesmo, sendo incapaz de lembrar de alguma situação ou informação específica que tenha vivido durante a troca de personalidade. A Psicanálise contribui de forma significativa para esse estudo e mostra como a patologia é desenvolvida e suas consequências, mostrando como o ideal do ego é importante na estruturação do psiquismo, criando personalidades que o indivíduo gostaria ou deveria ser, com o intuito de auxiliar a vítima nos momentos difíceis, lidando com as situações de maneira calma, ponderada e distante.

Palavras-chave: Transtorno Dissociativo de Identidade, Abusos, Psicanálise, Dissociação.

ABSTRACT

Dissociative Identity Disorder is the development of several personalities, with different traits and ages. The aim of this paper is to present its possible causes, debating the issue from a psychoanalytical perspective. These are the psychological and sexual abuses suffered by the individual repeatedly during early childhood. The Pathology is developed as a form of defense mechanism to deal with the traumatic situation. However, there are cases of dissociative amnesia and depersonalization, generating a disconnection from oneself, with the individual being unable to remember any specific situation or information experienced during the personality change. Psychoanalysis makes a significant contribution to this study and shows how the pathology is developed and its consequences, demonstrating how important the ego ideal is in structuring the psyche, creating personalities that the individual would like to be or should be, with the aim of helping the victim through difficult times, dealing with situations in a calm, measured and distant way.

Key-words: Dissociative Identity Disorder, Abuse, Psychoanalysis, Dissociation.

.....
Correspondência:

Nome: Thais da Silva Miranda

E-mail: thaisdasilvamiranda3@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) é uma patologia que ocorre após uma situação traumática. Com isso, o indivíduo desenvolve uma ou mais personalidades distintas com o objetivo de escapar da própria mente e lidar com o trauma vivido. Em casos em que ocorre a manifestação mais grave, o indivíduo não consegue ter o domínio da outra personalidade. Diante disso, a personalidade assume o controle e o leva a cometer atos que não a pessoa não recorda depois. As identidades podem ser tanto femininas quanto masculinas, possuindo características diferentes umas das outras, traços específicos, não havendo necessariamente alguma relação entre elas (Martins, 2021).

Cada personalidade possui a sua subjetividade, sendo diferentes tanto nos desejos, gostos, vocabulários e experiências de vida. Algumas personalidades podem ser pouco desenvolvidas, permanecendo com a mesma idade de quando foram formadas, como, por exemplo, na infância. Porém, outras se desenvolvem facilmente e amadurecem a partir de suas próprias experiências. O TDI pode se manifestar a qualquer momento na vida do indivíduo, principalmente na primeira infância (Gulisz & Vieira, 2022).

Após uma situação traumática, o sentimento de desamparo não costuma ser superado durante a vida adulta, pois é desenvolvido de maneira psíquica. Toda criança possui a necessidade de ter acesso às condições básicas da vida, como a proteção e de sobrevivência, porém a vivência de abusos psicológicos e sexuais mobilizam as experiências emocionais presentes no psiquismo, gerando angústia nos primeiros anos de vida. A condição entre trauma e desamparo pode aumentar por conta da condição de dependência ao outro durante a infância (Zavaroni & Viana, 2015).

As consequências desses traumas são diferentes de acordo com cada tipo de acontecimento, principalmente em traumas de início precoce que ocorreram diversas vezes, como maus tratos na infância, negligência infantil e violência doméstica. O período do nascimento até a idade adulta são marcados pelo desenvolvimento físico, comportamental e emocional. A exposição da criança de forma prolongada a experiências traumáticas durante a infância produz um profundo impacto em diferentes áreas funcionais (Viola et al., 2010).

Uma situação traumática é composta por momentos impactantes e que colocam a criança frente a perdas importantes, assim como agressões físicas ou psíquicas, acidentes familiares e pessoais com consequências graves. A personalidade emocional da identidade fica presa no período em que a criança vivenciou o trauma, fazendo com que

ela reviva de forma constante as experiências dolorosas, comprometendo-se em defender com luta, fuga ou colapso. Sendo assim, a personalidade original fica fragmentada, tentando manter o seu funcionamento (Zavaroni & Viana, 2015; Faria et al., 2019).

Durante um estado dissociativo, é comum a presença lacunas recorrentes durante recordação de eventos do cotidiano, algumas informações importantes e eventos traumáticos. Os sintomas não estão relacionados aos efeitos fisiológicos, como o uso de substâncias ou a outra condição medica. É comum ser relatado durante esses casos a escuta de vozes, ou até mesmo pensamentos múltiplos, desconcertantes e independentes. Os indivíduos que desenvolvem o transtorno dissociativo de identidade costumam apresentar, no decorrer da vida, depressão, ansiedade, abuso de substâncias, automutilação e convulsões não epiléticas (DSM-5, 2014).

Portanto, a dissociação traumática das personalidades múltiplas é gerada pela divisão das estruturas dinâmicas e as resistências resultantes. A repressão nesses casos acontece no envolvimento da ação de uma estrutura dinâmica sobre outra estrutura dinâmica, ou seja, a repressão direta, presente no ego centrale ideal, alm do ego-objeto libidinal e antilibidinal, enquanto a repressão indireta do ego libidinal, presente no ego-objeto antilibidinal (Finnegan & Clarke, 2013).

O presente artigo tem como objetivo descrever as possíveis causas do Transtorno Dissociativo de Identidade e abordar esse tema a partir das contribuições da psicanálise. Os abusos psicologicos e fisicos afetam o desenvolvimento do individuo desde a primeira infancia, sendo criados mecanismos de defesa para lidar com as consequências desses traumas.

DESENVOLVIMENTO

O trauma e os impactos na primeira infância

Os casos mais frequentes de violência vêm de pessoas com o grau de parentesco maior, como mãe ou pai. Acontecendo de forma repetitiva e de maneira que a criança se sinta culpada perante essa violência. O sentimento de culpa contribui para que a criança se cale, tendo como mecanismo de defesa a dissociação (Pfeiffer & Salvagni, 2005).

Diversos tipos de violência são consideradas eventos traumáticos que impactam a vida das vítimas de forma negativa, trazendo prejuizos para a subjetividade, desenvolvimento psíquico e fisico. Desse modo, quando ocorre esse tipo de experiência, a vida social, psíquica, fisica e cognitiva são afetadas (Souza & Sei, 2019).

O inconsciente está relacionado com a teoria da repressão, existindo dois tipos: O latente, que é capaz de se tornar consciente novamente e o reprimido, que não possui essa capacidade. Sendo assim, é nas repressões em que são excluídas algumas tendências da mente. Desse modo, pode ocorrer uma ruptura no ego, as identificações se separam através das resistências e se apoderam sucessivamente na consciência. Os conflitos permanecem entre as diversas identificações em que o ego se separa. O ego é a parte do id que é modificada pelo ambiente externo, tendo como objetivo aplicar no id a influência do mundo externo (Freud, 1923/1996).

De acordo com Anna Freud (1936), no livro *Ego, e os mecanismos de defesa*, durante o desenvolvimento do ego infantil, a criança não aceita ter conhecimento sobre a realidade desagradável que a cerca. Por conta disso, inicialmente cria fantasias, transformando o pai mau em animal ou figura protetora. Com isso, o ego será protegido e ela não sentirá angústia, sendo desnecessário recorrer a medidas para se defender contra suas moções pulsionais. Esse mecanismo de defesa faz parte do desenvolvimento natural do ego infantil.

Todos os mecanismos de defesa são importantes para a personalidade do indivíduo. Contudo, sendo utilizada de maneira excessiva ou indevida, pode funcionar de forma prejudicial, como a identificação em um adulto responsável pela empatia ou a distorção psicótica das percepções. Por isso, os mecanismos de defesas dependem da situação em que o indivíduo está inserido, assim como a sua intensidade e a frequência que os fatos ocorrem (Silva & Noce, 2017).

Experiências traumáticas possuem papel central na origem da dissociação, manifestando-se através de sintomas dissociativos, incluindo o sensório-motor. Durante a dissociação, o indivíduo desconecta o funcionamento mental devido a um colapso estrutural, sendo induzido pelas emoções e experiências emocionais fortes, características do trauma (Sigaud, 2018).

Dessa maneira, o ideal do ego é aquilo que o indivíduo gostaria ou deveria ser. Nesse sentido, a constância objetal, o *self* e o sentimento de identidade ainda não foram definidos. O ideal do ego é um fator importante na estruturação do psiquismo, tanto nos primeiros indícios identificatórios como também quando o indivíduo está no processo de 'vir a ser'. Contudo, durante a criação das personalidades, o alter ego é o indicativo de que um outro é o portador de características que o indivíduo não diferencia daqueles que considera os seus próprios, tendo como característica o fenômeno do duplo (Zimmerman, 2007).

Portanto, o ego ideal possui o papel de guiar a vítima e as outras personalidades por momentos difíceis, com o objetivo de ajudar. As personalidades originadas pelo ideal do ego normalmente possuem esta função e lidam com as situações de maneira calma, ponderada e distante. Em alguns casos, desenvolvem-se na infância ou durante toda a vida da criança, até a fase adulta. Essas personalidades podem surgir em diferentes momentos da vida e exercer diferentes funções. As originadas pelo ego ideal costumam ser pensativas, úteis e podem atuar como guardiões para as outras personalidades associadas. Os vindos do ego libidinal apresentam carência, idealização, esperança e agitação. No entanto, os antilibidinais apresentam características de fúria assassina, vingança, ira, inveja e desconfiança, assim como são vulneráveis, desesperançosos, desamparados e possuem o medo constante de serem abandonados (Finnegan & Clarke, 2013).

Os primeiros sintomas do Transtorno dissociativo de identidade na criança são os problemas de memória, apego e jogos traumáticos. Inicialmente, as crianças apresentam sobreposições e inferências mentais. No momento que ocorre a ruptura da identidade, surge o sentimento de descontinuidade de si mesmo e falta de controle diante das próprias ações, incluindo alterações no afeto, comportamento, consciência, percepção, cognição e no funcionamento sensorio-motor. Porém, durante a adolescência, podem parecer apenas uma agitação ou outro transtorno mental (APA, 2014).

O processo de troca entre uma personalidade para outra é chamado de *'switching'*, podendo durar alguns segundos, em alguns casos, fazendo com que o indivíduo e as pessoas ao redor não percebam o momento de troca. Esse processo ocorre diante de situações muito frustrantes e estressantes, ou diante de estímulos que lembram as experiências traumáticas que causaram o transtorno. Sendo assim, o indivíduo não costuma se lembrar da experiência que viveu durante esse processo, tendo uma amnésia dissociativa, percebendo apenas depois o ocorrido através de anotações, objetos e situações que não se lembra (Maraldi, 2014).

Além disso, podem ter alucinações visuais, táteis, olfativas e gustativas. Por conta disso, quando ocorre a dissociação, as realidades concreta e psíquica sofrem alterações. Como consequência, a atividade perceptiva, o funcionamento somático, as memórias, os hábitos e costumes, podem ser interpretados como alucinação e delírios. Desse modo, a personalidade emocional da identidade fica presa no período em que a criança vivenciou o trauma e revive de forma constante as experiências dolorosas, comprometendo-se em defender com luta, fuga ou colapso. Com isso, a personalidade original fica fragmentada, tentando manter o seu funcionamento (Faria et al., 2019).

O meio social, para a criança, possui extrema importância para o seu desenvolvimento emocional, principalmente a relação com outro indivíduo, nesse caso a figura paterna e materna. É a partir da relação com a mãe que o bebê conhece o mundo a sua volta e se torna dependente da pessoa que identifica suas necessidades. Desse modo, a criança irá crescendo e se tornando a mercê do que o ambiente favorece, desde o cuidado e proteção até a ausência destes. (Souza & Sei, 2019)

A dissociação é uma perda temporária de informações sobre processos mentais que estão no domínio voluntário da consciência, que inclui estados de transe, amnésia e fuga dissociativa, assim como a divisão do Eu em identidades diferentes. A dissociação inicia através do trauma, sendo a consequência psicológica do evento traumático. (Maraldi, 2019; Sigaud, 2018)

Consequências do ambiente violento e opressor na etiologia do TDI :um estudo de caso

A criança possui muita facilidade de dissociação, e assim observa a situação como se estivesse acontecendo com outra pessoa. Com isso, enquanto o transtorno dissociativo engloba a traumatização do desenvolvimento e sequelas sociocognitivas, os fatores biológicos incluem respostas neurobiológicas geradas pelo momento traumático. Os indivíduos que foram expostos a violência física e psicológica de forma contínua durante a infância desenvolvem sintomas somáticos, dissociativos e afetivos (Viola et al., 2010; Costa et al, 2020).

A relação entre mãe e filho se encontra entre realidade material e realidade psíquica, pois ao mesmo tempo em que uma mãe cuida de seu filho, esses cuidados constituem o psíquico do bebê e da constituição da imagem que o bebê terá no psiquismo materno. Em situações que ocorrem violência, esse ambiente está direcionado ao modo como os homens negam os valores universais de todo indivíduo, como a liberdade, igualdade e a própria vida. Porém, as maiores vítimas diante dessa situação são as crianças e adolescentes, sendo colocadas diante de atos abusivos e maus-tratos vindos das pessoas que deveriam proporcionar conforto e carinho (Zavaroni & Viana, 2015; Adorno, 1988).

Portanto, inicialmente, o uso da dissociação para enfrentar o estresse na infância pode ser considerado saudável, mas que pode se tornar patológico. A capacidade imaginativa na infância se torna a sua defesa, criando um indivíduo imaginário e o tornando seu protetor e herói. A partir disso, torna-se a única forma de sobrevivência

diante dessa situação. No entanto, essa condição se agrava quando esse mecanismo de defesa permanece até a fase adulta. A contínua repetição de eventos traumáticos resulta em diversas personalidades distintas, que podem assumir características próprias (Martinez, 2018).

Em um caso citado por Finnegan e Clarke (2013), um homem adulto com experiências afetivas fracassadas tinha um comportamento agressivo com os seus parceiros. Porém, em todo momento que ele iniciava um contato afetivo, a outra personalidade surgia, tomando posse de sua consciência. Contudo, essa personalidade foi criada por causa de fatores traumáticos que ocorreram em sua infância após sofrer abusos sexuais, quando tinha sete anos. Por conta dos ataques, foi criada uma defesa dissociativa, fazendo com que ele perdesse regressivamente sua identidade pessoal. As lembranças foram totalmente reprimidas.

Um dos casos famosos e mais conhecidos é o caso de William Stanley Milligan conhecido como Billy Milligan, que foi a primeira pessoa na história dos Estados Unidos a ser diagnosticada com o transtorno dissociativo de identidade. Billy possui 26 personalidades, cada uma possuindo idades diferentes e nomes próprios. Algumas personalidades são importantes para o entendimento do caso. A primeira personalidade principal e original é o Billy Milligan, sendo referida como 'Billy-U' posteriormente. A segunda personalidade é chamada de Arthur, possui 22 anos e é britânico, tendo sotaque e falando pouco, foi o primeiro a descobrir todas as personalidades existentes. O próximo é o Ragen, com 23 anos e considerado o guardião, tem sotaque eslavo e é o protetor da família, mulheres e crianças em geral. A quarta personalidade é chamada de Allen, possui 18 anos, é manipulador e vigarista, e é a personalidade que lida melhor com estranhos. Logo após, há Tommy, com apenas 16 anos, que é geralmente anti-social, toca saxofone, gosta de pintar e entende de eletrônicos. Em seguida, a personalidade chamada Danny, com 14 anos, criado como um garoto assustado, que precisou cavar a própria cova e se enterrar vivo. As diferenças de características, nomes e idades estão relacionadas aos momentos que Billy viveu e precisou criá-las (Keyer, 1994).

O caso Billy Milligan ocorreu na década de 70, quando ele foi preso por roubar, sequestrar e estuprar três mulheres em uma universidade em Ohio. No entanto, uma das vítimas afirmou que Billy falava com sotaque alemão e outra vítima contou que o sequestrador parecia ser bom e gentil. Após o caso ser investigado, a polícia descobriu que Billy era culpado pelos crimes. Porém, foi constatado que Billy tinha 24 personalidades e no momento exato dos crimes, as que estavam no poder eram Ragen e

Adalana. Adalana tinha 19 anos, era lésbica e introvertida, escritora de poesia e cuidadora do lar. Conclui-se durante as investigações que as duas personalidades se juntaram, tornando-se uma só (Keyer, 1994; Martinez, 2018).

Durante a troca de personalidade, os indivíduos não se lembram do ocorrido e das outras personalidades, ocorrendo uma amnésia. No entanto, pode ocorrer de uma das personalidades não possuir amnésia e ter conhecimento da existência das outras e do que cada uma fez durante a troca. Ao saberem umas das outras, podem se tornar amigas, companheiras ou rivais. Portanto, durante o *'switching'*, Billy não sabia da existência de ambas as personalidades que executavam o crime, nesse caso, tanto Ragen quanto Adalana se tornaram companheiras para concluir o objetivo (Maraldi, 2014).

No decorrer do caso de Billy Milligan, a psicóloga responsável pelo caso esteve em contato com ele durante algumas sessões para identificar as personalidades. Foi durante esses atendimentos que um deles revelou sobre os responsáveis pelo ocorrido. Contudo, afirmaram que a personalidade original estava dormindo e não tinha conhecimento sobre os fatos. Quando a psicóloga insinou contar para as autoridades, algumas personalidades como Tommy, Danny, Arthur e David demonstraram medo e imploraram para que não contasse, preferindo serem presos ao invés de revelar a verdade (Keyer, 1994).

A essência desse transtorno é a fragmentação do funcionamento do consciente e no senso de si mesmo. Portanto, ao acordar, Billy não consegue se lembrar de tudo o que ocorreu durante o período que as personalidades estavam no controle, ocorrendo assim a amnésia dissociativa. Desse modo, encontrou-se incapaz de recordar informações sobre si mesmo, principalmente do evento em específico. Por conta desses sintomas, o indivíduo sofre prejuízo social. A diferença entre a amnésia dissociativa e a permanente é o fato de que as lembranças são potencialmente reversíveis, pois foram armazenadas (APA, 2014).

Um episódio de amnésia pode ter uma duração variável: alguns minutos, horas ou meses e anos, sendo os últimos casos mais raros. Porém, a despersonalização é o momento em que o indivíduo está fora de si, passa a observar suas ações, sentimentos e pensamentos a distância, como se fosse um sonho. Durante a despersonalização, o indivíduo se encontra diante de experiências irreais, distanciamento ou de ter outra pessoa observando seus próprios pensamentos, sentimentos, sensações, corpos ou ações (Costa et al., 2020; APA, 2014).

A sensação de estar desconectado de si mesmo, como se estivesse dentro de um

filme, sem ter capacidade de dominar o próprio corpo, como se as coisas tivessem perdido o sentido, são características de experiências de despersonalização. Essas experiências possuem duas características A ausência de emoções e a ausência do modo como o indivíduo enxerga a si mesmo e ao mundo (Maraldi, 2014).

Durante a alucinação auditiva, as vozes são experienciadas como fluxo de vários pensamentos desorientados e independentes, dos quais o indivíduo não possui controle. A fragmentação da personalidade pode variar a partir da cultura e de outras circunstâncias. Desse modo, os indivíduos podem viver de maneira descontinuada tanto na identidade quanto na memória, sem que fique evidente aos outros ou que estejam obscurecidas. Contudo, sofrem intrusões no funcionamento consciente e no senso de personalidade, sofrendo também com mudanças na percepção, desencadeando o estresse que torna as características mais evidentes (APA, 2014).

TDI na mídia: Percepções distorcidas de uma realidade complexa.

A Psicanálise e a arte frequentemente são colocadas em conjunto. No que se refere ao TDI, alguns filmes foram feitos contando histórias de casos reais ou fictícios. Alguns casos, como o de Billy Milligan, foram representados no cinema, por exemplo no filme *Fragmentado*. O filme *Fragmentado* foi lançado em 2017 e conta a história de Kevin Wendell Crumb. Assim como Billy, o personagem principal convive com 24 personalidades distintas. A história gira em torno de três adolescentes que foram sequestradas e mantidas em cativeiro pelas personalidades de Kevin, tendo como a principal Barry, a personalidade dominante e que mantém o controle de quais personalidades podem se manifestar ou não (Rezende & Weinmann, 2013; Ferreira et al, 2020).

Kevin foi abusado sexualmente durante a infância. Isso pode ter contribuído como desencadeador para o desenvolvimento do transtorno, assim como Billy que sofreu com o suicídio do pai, a constante mudança e casamentos da mãe, e principalmente o abuso que sofreu pelo padrasto. O filme é dividido em alguns cenários, como o quarto isolado em que as meninas se encontram, as relações entre Kevin, os seus *alters* e as consultas com a psicóloga. Durante o filme, duas personalidades assumem o controle constantemente conhecidos como Dennis e Patricia, representando as personalidades de Billy responsáveis pelos crimes cometidos (Martins, 2021; Martinez, 2018).

No decorrer do filme, as personalidades ficam no aguardo da próxima a ser criada,

chamada ‘besta’, que é comparada a um espírito forte. No entanto, essa cena foi criada com o objetivo de chocar o público, criando uma narrativa surpreendente e não se comparando a realidade de fato. O filme utiliza de maneira sensacionalista a forma de possessão apresentada no quadro de TDI, em que geralmente se manifesta como se uma entidade externa estivesse assumindo o controle sobre o corpo, fazendo com que o indivíduo fale e se comporte de maneira diferente (APA, 2014).

A personagem da terapeuta chamada Dra Fletcher possui muito destaque, sendo demonstrado a confiança que as personalidades tem nela. Durante a psicoterapia, é fundamental que o psicólogo diferencie cada personalidade a partir de suas características e, a medida em que elas se revelam de forma sutil, desenvolvendo respeito, e ao mesmo, tempo indicando que cada uma é parte de um ser (Ferreira et al., 2020).

A criação de filmes e séries são muito importantes para levar o telespectador a conhecer determinadas realidades diferentes, porém filmes como Fragmentado podem ter pontos positivos e negativos. Apesar do filme representar a vida de Billy Milligan, também apresenta uma narrativa exagerada e fictícia. Desse modo, é criado um rótulo que, com o excesso de repetição, fica mais difícil romper. Pessoas leigas que não conhecem o TDI irão acreditar que todas as pessoas agem da mesma maneira e serão criminosos. Os últimos minutos do filme mostram que o objetivo de utilizar o transtorno é apenas para ter um roteiro, encerrando com a personalidade chamada ‘A Besta’ se transformando em uma forma maligna e assassina (Martinez, 2018).

Muitos estereótipos representados no cinema são vistos pelo público como verdade, em que personagens com TDI são transformados em assassinos cruéis, pessoas descontroladas e que não possuem capacidade de viver em sociedade com um acompanhamento adequado. Isso aterroriza não somente o público que assiste, mas também as pessoas que possuem o transtorno, além de sofrerem com as próprias angústias. Apesar das obras mostrarem como os traumas na infância desenvolvem esse transtorno, também mostram as demais características encobertas de fantasias, reforçando o preconceito e desinformação (Neves, 2022).

Desse modo, informações importantes ficam perdidas e o TDI permanece misterioso. Apesar da mídia enfatizar a ocorrência do TDI em homens, um fato importante que não é mostrado frequentemente é que a maioria das pessoas que possuem esse transtorno são mulheres, que apresentam outros transtornos ao mesmo tempo, como o transtorno do humor, outros transtornos dissociativos e transtornos por uso de substâncias. Além disso, também é frequente a existência de pacientes com depressão,

ansiedade, automutilação e convulsões não epiléticas. Porém, situações em que a personalidade atual desconhece as tendências suicidas das outras personalidades, ou apresentando amnésia sobre esse comportamento, dificultam a avaliação (Ferreira et al, 2020).

É muito comum a ocorrência de episódios de *flashbacks* dissociativos que permitem ao indivíduo reviver determinado momento de forma sensorial como se estivesse acontecendo no presente, geralmente durante a mudança de personalidade. Além desse fato, esse transtorno pode ocorrer em casos em que a pessoa passa por muitos procedimentos médicos, pois podem ocasionar muito sofrimento. Por conta da depressão, a automutilação e comportamentos suicidas são frequentes (APA, 2014).

Para exemplificar alguns casos envolvendo mulheres, destaca-se o caso clássico de Eberthard Gemelin, que ocorreu durante a revolução francesa no século XVIII. Durante a chegada de refugiados na cidade de Stuttgart, uma jovem alemã com vinte anos de idade mudou sua personalidade para uma senhora francesa, atribuindo os modos e suas maneiras de agir. Durante o domínio dessa personalidade, a jovem falava francês perfeitamente mesmo sem nunca ter falado antes. Durante a permanência dessa personalidade, a mulher conseguia se lembrar de tudo que havia dito e feito, porém, quando voltava para sua personalidade alemã, não se recordava e não conhecia sua personalidade francesa (Faria, 2008).

O filme *Sybil*, lançado em 1976, também tinha o objetivo de representar um caso real contando a história de Shirley Ardell, que desenvolveu o TDI como mecanismo de defesa diante de diversos abusos que sofria na infância. O filme mostra as dificuldades que o indivíduo sofre no cotidiano, mas não da maneira correta. O foco na dissociação é explorado para o entretenimento, com isso, a obra contribuiu para aumento de profissionais mal-intencionados que levaram os seus pacientes a esse diagnóstico e ao tratamento, mesmo que o paciente não se recorde de ter passado por algum trauma na infância e não possua nenhum sintoma para o diagnóstico (Martinez, 2018).

Desse modo, muitos filmes que abordam esse tema iniciam apontando verdades científicas, porém no decorrer do roteiro assumem conceitos sensacionalistas e preconceituosos, buscando apenas impressionar o público e assim arrecadar dinheiro na bilheteria. Para os indivíduos que possuem o TDI, é muito importante que exista na mídia personagens e histórias que estão de acordo com a realidade, pois já sofrem com muito desconforto e conflito. Assistir a um filme ou série em que a realidade esteja distorcida pode aumentar esse sofrimento. Desse modo, diversas pessoas procuram no cinema uma

forma de divertimento e também de representatividade, para ver a si mesmo refletido na tela. A representação fidedigna pode auxiliar na ressignificação dessas identidades que se deparam com o TDI (Neves, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresentou as possíveis causas do Transtorno Dissociativo de Identidade mostrando como vítimas de violência, como abusos sexuais e psicológicos na primeira infância, desenvolvem mecanismos de defesa para lidar com essas situações traumáticas que normalmente são vividas no ambiente familiar, principalmente na relação entre mãe e filho, onde se encontra a realidade psíquica e material. Desse modo, a frequência de eventos traumáticos influencia no excesso de mecanismos de defesa e no seu uso indevido, tendo como consequência a dissociação. Sendo assim, durante esse processo, o indivíduo se desconecta do funcionamento mental devido a um colapso estrutural e se dissocia da realidade que está vivendo.

A Teoria Psicanalítica contribui de maneira significativa para esse estudo, mostrando como o ego é desenvolvido durante um trauma, quando ocorre a ruptura e as identificações se separam através das resistências, ocupando a consciência. Outro ponto importante mostrado durante o estudo da Psicanálise é como a criação de uma nova personalidade é um fator importante através do ideal do ego, sendo aquilo que o indivíduo gostaria ou deveria ser, possuindo importância no psiquismo. Com isso, o ego ideal possui o papel de guiar a vítima e as outras personalidades durante os momentos difíceis. As personalidades originadas a partir do ego ideal tendem a ser pensativas, úteis e protetoras das outras personalidades.

Durante o estudo, foi exemplificado um estudo de caso, mostrando onde o transtorno pode chegar e como um indivíduo pode possuir 24 personalidades com características, nomes e gêneros diferentes, simultaneamente. Além disso, o TDI na mídia mostra que esse transtorno ainda é pouco conhecido, sendo apresentado na mídia e no cinema alguns casos como o de Billy Milligan com o objetivo de chocar e estereotipar o indivíduo com o transtorno.

Com base no estudo, entende-se a importância de estudar sobre o tema e entender como o transtorno se desenvolve, sendo importante para os profissionais de Psicologia, acadêmicos e público-alvo. É essencial que esse tema continue sendo pesquisado e divulgado de maneira correta, de modo que não seja estereotipado pela mídia.

REFERENCIAS

Adorno, S. (1988). *Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na politica brasileira*. Paz e Terra.

Associação Americana de Psiquiatria- APA. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais- DSM*. (5 nd.ed.). Artmed.

Costa, P. M., Machado, I., Cabral, A.R & Mello, D.A. (2020). Transtorno Dissociativo de Identidade. *Revista Projeção Saúde e Vida*, 1(2). 1-6.

Faria, M.A. (2008). O Teste de pfister e o transtorno dissociativo de identidade. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 359-370.

Faria, M.A., Prado, E.B.A., Souza, W.C., Martins, V.F. & Ferreira, V.M. (2019). A utilização do metodo de rorschach no diagnostico diferencial da esquizofrenia e transtorno dissociativo de identidade. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 35, 1-12.

Ferreira, A.C., Garcia, B.L., Oliveira, B.D.C., Hensel, B.P & Vitti, I.P. (2020). Ensaio teórico: Transtorno dissociativo de identidade sob a análise dos filmes ‘fragmentado’ e ‘ clube da luta’. *Psicopatologia Critica: perspectiva do sofrimento existencial*, 1(1), 1-12.

Finnegan, P & Clarke, G. (2013), Fairbain e personalidades multiplas. *Revista Brasileira de Psicanalise*, 47(2), 179-194.

Freud, A. (2006). *O ego e os mecanismos de defesa*. Tradução de Francisco Settineri. Artmed. (Texto original publicado em 1936)

Freud, S. (1996). *O ego e o id e outros trabalhos*. In: O Ego e o Id (1923-1925). Edição Standard Brasileira das Obras Psicologicas Completas de Sigmund Freud .Vol.19. Rio de Janeiro: Imago (Texto original publicado em 1923).

Gulisz, C.I & Vieira, M.F. (2022). Um estudo de revisão sobre o transtorno dissociativo de identidade: Características e direções de tratamento. *Pluralidade de Saúde Mental*, 11(1), 71-82.

Keyer, D. (1994). *The Minds of Billy Milligan*. Bantam, Illustrated edição.

Martins, S.V. (2021). Transtorno Dissociativo de Identidade e suas implicações forenses: medidas de segurança, 12, 2236-0875.

Maraldi, E.O. (2019). Transtorno Dissociativo de Identidade: Aspector diagnósticos e implicações clinicas e forenses. *Fronteiras Interdisciplinares do Direito*, 1(2), 1-31.

Martinez, P.V. (2018). São: histórias da gente. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Visual - Design) – *Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes*, 1-49.

Maraldi, E.O. (2014). Dissociação, crença e identidade: Uma perspectiva psicossocial. [Tese Doutorado] - Programa de Pós- Graduação em Psicologia. Área de concentração:

Psicologia social e do trabalho) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 110-125.

Neves, R.F. (2022). A Estigmatização do transtorno dissociativo de identidade na indústria cinematográfica e televisiva. *Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Psicologia – Anhanguera Salvador*, 1-27.

Pfeiffer, L & Salvagni, P.E. (2005). Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 197– 204.

Sigaud, V.R. (2018). Trauma Oculto: Um estudo sobre a dissociação a partir da teoria do apego. [Dissertação de Mestrado] Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.1-144.

Rezende, T & Weinmann, A. (2013). Os tempos na Psicanálise e no Cinema : o sentido baseado no só-depois. *Trivium- Estudos Interdisciplinares*, 6(1), 68– 81.

Silva, F.L & Noce, A.M. (2017). Dissociação na Perspectiva de Psicanalistas e Psiquiatras. *Psicologia pt*, 1-67.

Souza, C.C.C & Sei, M.B. (2019). Abuso sexual de crianças e adolescentes: trauma e transmissão psíquica. *Analytica: Revista de psicanálise*, 8(5), 1-20.

Viola, T.W., Schiavon, B.K., Renner, A.M & Oliveira, R.G. (2011). Trauma complexo e suas implicações diagnósticas. *Revista Psiquiatra Rio Grande do Sul*, 33(1), 55-62.

Zavaroni, D.M. & Viana, T.C. (2015). Trauma e infância: Considerações sobre a vivência de situações potencialmente traumáticas. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 31(3), 331-338.

Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica*. Artmed

